

**DISCURSO AKWE-XERENTE
OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO TEXTUAL
VOLTADOS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA**

Jayme Célio Furtado dos Santos (UERJ)

INTRODUÇÃO

O estudo das línguas indígenas das Américas tem proporcionado compreensão valiosíssima à teoria lingüística, mudança lingüística, a pré-história das Américas, e a relação de linguagem à cultura, bem como a modalidades de pensamento e percepção. Muitas dessas línguas logo serão extintas e por isso merecem atenção urgente. (CAMPBELL & MITHUN, 1993)

O objetivo deste artigo é apresentar, no interior do quadro teórico da análise do discurso e dos estudos desenvolvidos por Charaudeau (1992) e adaptados por Oliveira (2004), uma breve descrição dos modos de organização do texto na língua indígena akwẽ-xerente.

Na Constituição Federal, no parágrafo 2º de seu artigo 21, lê-se que "O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.". Assim, "parece" estar garantido aos povos indígenas o direito a uma "educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilingüe" como estabelecido nas "Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígenas", (MEC, 2ª edição, 1994).

O uso da expressão "parece" traduz-se por ponderação e procura justificar-se em minha percepção de que em termos de Brasil, especificamente no que tange a produção de material didático contextualizado, não basta o delineamento teórico de caminhos... A nosso ver, uma efetiva contribuição à consolidação da autonomia cultural dos povos indígenas passa de forma inexorável pela aplicabilidade, pela práxis dessa metodologia que denominamos "intercultural", o que se constitui em verdadeiro desafio.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O fato de a língua portuguesa ser absolutamente adequada as necessidades dos falantes de Português e da língua xerente ser adequada as necessidades dos falantes de xerente não neutraliza a complexidade presente verificada na aproximação dos dois sistemas! Não obstante, é nesse contexto lingüístico-cultural que temos a árdua tarefa de oportunizar ao aluno indígena o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas visando bilingüismo e fluência oral e escrita em xerente e em português.

Destarte, uma indagação redundante se nos apresenta: No momento em que o ensino de língua portuguesa é alvo de tantas discussões face constatação das dificuldades que o estudante brasileiro apresenta na hora de redigir um texto, seria estratégico adotar idênticos modelos de ensino-aprendizagem no objetivo de colocar a língua materna (xerente) em pé de igualdade com a língua oficial? Parece-nos que não!

Nesse sentido, o pequeno trabalho que ora se inicia reveste-se de importância simbólica singular: No momento em que a cultura xerente enfrenta problemas oriundos de contato intenso com a sociedade envolvente⁹, com costumes e tradições desaparecendo, nada mais relevante do que apresentar algumas histórias antigas e algumas impressões dos próprios índios na possibilidade que, em tempo oportuno, a identificação dos modos de organização do texto contribua não apenas no processo indígena de elaboração de redações, mas sobretudo na utilização de tal material de leitura como mais uma ferramenta no objetivo maior de valorização e conservação da cultura akwẽ.

DESENVOLVIMENTO

Há certa unanimidade entre Analistas do Discurso na percepção de que “não existe um ato comunicativo desvinculado de sua situação de enunciação”. Sob a égide de tal premissa, Patrick Charaudeau assenta sua teoria em numa divisão em três níveis: situacional, semântico e semiolingüístico. A base metodológica necessária para

⁹ A aculturação tem produzido desequilíbrios em nível de sua organização sócio-cultural interna (parentesco, produção de subsistência, novos hábitos e necessidades de consumo).

se analisar as condições da comunicação linguageira assentaria-se então nesta competência tripartite do sujeito.

Todavia, face ao delicado trabalho de descrição da língua Akwẽ, não temos neste artigo a pretensão de discutir tais níveis, de pensar as competências a que recorreremos para executar um projeto de comunicação, bases da Análise de Discurso na abordagem Patrick Charaudeau; Tal contingenciamento implica inviabilizar qualquer ambição que tenhamos em vislumbrar a “construção da significação discursiva” em nosso corpus. Tal impossibilidade, reconhecida a abrangência de tais estudos, tem em Azambuja (), sua justificativa:

Devido à concepção particular que tem do ato de linguagem, Charaudeau desenvolve a noção de competência semiolinguística, definida como uma atitude de ‘reconhecer e manipular a matéria linguística em circunstâncias de discurso’ (1983: 85). Tal competência resulta da combinação de três componentes dos quais um pode ser denominado lingüístico, já que opera com a língua; o outro, situacional, testemunha dos comportamentos humanos, que define os seres como atores sociais; e o terceiro é o componente discursivo que estabelece a competência discursiva. Tais elementos são simultaneamente autônomos, em sua origem e interdependentes em seu efeito, o que significa dizer que não se pode chegar à construção da significação discursiva sem o estudo de algum desses componentes. O processo de comunicação então, não aparece sempre de modo transparente nem é feito com uma única intenção, pois se considera tanto o que é dito pelo sujeito que fala como também, a relação que existe entre esse sujeito e o seu parceiro.(Azambuja, Marcelo Schenk. O comportamento discursivo nas organizações: a comunicação nos Programas de Qualidade Total. Site PPGCOM/ PUCRS)

Especificamente a respeito da competência semiolinguística, Machado, Ida Lucia (A Análise Discursiva Semiolinguística e a Tradução FALE / UFMG / novembro / 2000)¹⁰ observa:

Trata-se do seguinte: todo sujeito que se comunica e que interpreta um ato de linguagem, precisa estar apto para saber utilizar/reconhecer a forma dos signos, suas regras de combinação e seu sentido, sabendo que estes são empregados para exprimir uma intenção de comunicação. Para exercer esta competência precisamos então possuir um certo “saber-fazer” ligado à competência textual, assim como também ligado à construção gramatical, às marcas de coerência do texto (tais como os conectores, modalizadores...), enfim: um “saber-fazer” ligado a tudo que diz respeito ao aparelho formal de enunciação. Todavia, este “saber-fazer”

¹⁰ Tal trabalho encontra-se no site da COLL (consultoria de Língua Portuguesa e Literatura).

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

precisa também estar ligado ao emprego adequado das palavras do léxico, levando em conta o valor social que elas veiculam. A Semiollingüística sustenta então, bem a propósito, a interessante idéia de que assim como existe um “mercado” social de rituais linguageiros, existe também um “mercado” social de palavras.

Portanto, para que possamos numa segunda etapa deste trabalho interpretar *fenômenos da interdiscursividade* presentes nos “atos de linguagem” do nosso corpus, precisamos, a priori, trabalhar descritivamente a forma dos signos, os aspectos gramaticais, os modos de organização do texto. Em outras palavras isso implica salientar que não pretendemos, por ora, uma análise discursiva mais exaustiva nesse estudo. Nos daremos por satisfeitos caso consigamos, tão somente, identificar os modos de organização do texto em akwexerente. E nisto, o caráter sucinto do nosso trabalho.

A Universalidade dos Modos de Organização do Texto

Os termos “Gêneros Textuais, Modos de Organização do Texto, Tipologia Textual, Domínios Discursivos, Modos de Organização do discurso e outros afins podem ser entendidos de varias formas, o que não raramente provoca certas inexatidões terminológicas.(anexo 2). Aqui, substituiremos as expressões “tipos de texto”(Marcuschi 2002) e modos de organização do discurso (Charraudeau 1992) pela noção de “modos de organização do texto”, terminologia cunhada em Helênio Oliveira(UERJ/2004)¹¹ Em tal nomenclatura, o enfoque reside na estrutura do texto em si, não obstante a consciência que temos da importância do contexto da situação comunicativa (eus, momento histórico, veículos utilizados etc) para a compreensão exaustiva de qualquer texto. Tal corte epistemológico se sustenta em nosso objetivo, por ora, de priorizar, na análise de nosso corpus, aspectos de ordem intratextuais. Com a adoção de tal critério, buscamos responder a seguinte questão – algumas características são reconhecidas nas línguas como universais:

- Todas as línguas se limitam aos sons que o aparelho fonador humano pode produzir.

¹¹ Tal estudioso, no curso “Análise do Discurso: um novo olhar sobre o texto”, propõe a junção entre as visões de Charraudeau (1992) e Marcuschi (2002).

DEPARTAMENTO DE LETRAS

- Todas têm estrutura e coerência interna.
- Todas têm a capacidade de comunicar tudo que a sociedade achar importante.
- Todas têm focos lingüísticos, fazendo que a língua capriche em determinadas categorias, porque importam para os falantes.

A esta listagem poderíamos acrescentar os modos de organização do texto? Seriam “Os modos de organização textual” – *descritivo, narrativo, argumentativo, expositivo, enunciativo e injuntivo* (Oliveira 2004) Universais lingüísticos? Parece-nos a priori que sim!; Cumpre-nos, então, procurarmos, em nível da língua xerente corroborar tal assertiva, o que, feitas as devidas considerações, passamos a trabalhar.

Modos de Organização do Texto

Oliveira, (2003:41) fazendo alusão a Charaudeau (1992) observa:

Os modos de organização do discurso (o narrativo, o descritivo, o argumentativo e o enunciativo) são maneiras de estruturar o texto, visando a uma função típica de cada um. a função do narrativo é contar ou relatar, a do descritivo, descrever; a do argumentativo, argumentar, ou seja, explicar uma verdade numa visão racionalizante para influenciar o interlocutor; e a do enunciativo é gerir os outros três. Este tem pois uma função metadiscursiva – Charaudeau (1992:642-646).

Oliveira.Helênio (2004)¹², discutindo conceitos básicos em análise do discurso, com base nos dois grandes critérios de classificação de textos (o intratextual-estrutural, o que se encontra no texto; e o extratextual– sensível a situação comunicativa), propõe a nomenclatura “modos de organização do texto”, acrescentando a listagem de Charaudeau (1992) outros dois modos de organização: o expositivo e o injuntivo.

¹² Doutorado em Língua Portuguesa / UERJ. Curso Análise do Discurso: um novo olhar sobre o texto. Mimeo.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para efeito de otimização nesse trabalho, estaremos registrando apenas algumas orações que exemplifiquem o modo de organização predominante no texto (ver Adam 1987).

O Modo de Organização do Texto (M.O.T.) Narrativo em Akwẽ-Xerente

O modo de organização do texto narrativo é construído pela sucessão, desenvolvimento de ações que formam o arcabouço de uma história (no sentido estrito) – processos, seqüências, tempo em andamento.

A HISTÓRIA DO GIGANTE Mito Xerente

Amkã Waskuze

Waza wasku, *aimõwi*. Amkã, dasimã dat krwasku mnõ, wadza wasku, *aimõwi*.

Nãt ku tinã, pnãĩ mã. Tinã, tinã, tinã, *kã*. Are nãt ku kukã kmã sã.

—Ãre! arê amõ wat kmã kãri, bũkã.

—Ãre, ãre, wi amõ wi, aim sêã bã, aim sêã bã, wi amõ wi.

Ãre, nãtõ sikwazi. Are du, *kã*. Akwãstõ, ku, dure.

—Ãre! bũkã, bũkã dure kã hã.

—Ãre, wi amõ wi, wi amõ wi, sikwazi nã, aim sêã bã, aim sêã bã.

—Ãre! terku amõ at kaduri, terku amõ at kaduri. Teza ækmãdãk.

—Ãre, wi tã amõ wi.

Are dure tinã, tinã. Akwãstõ, ku, dure:

A historia do Gigante

Eu vou contar a história do Gigante, conforme o povo Xerente conta.

Contam que ele saiu com o seu irmão mais novo. Andaram, andaram, andaram... Aí encontram um jabuti.

—Vamos pegar o jabuti, disse o irmão mais novo.

—Não, pegue-o você, pegue-o você. Você que gosta, você que gosta, pegue-o você, respondeu o Gigante.

E ele o pegou e o amarrô para levá-lo.

Então encontraram outro.

—Olha aí outro, olha aí outro, disse novamente o irmão mais novo.

—Vá você, vá você, amarre este também, você que gosta, você que gosta, retrucou o Gigante.

—Não, leve-o o Senhor, leve-o o senhor. Só eu que vou levá-los, disse novamente o irmão mais novo?

—Não, segue em frente (pegue-o), afirmou o Gigante..

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Considerações acerca do texto

Considerando apenas uma parte do texto “A historia do Gigante”, podemos marcar os seguintes aspectos:

1 – uma introdução própria de um texto narrativo:

- wa za wasku... eu vou contar (algo)

Segundo o Pr. Rinaldo de Mattos¹³ se o texto narrativo for lenda ou fato heróico do passado, contato através das gerações, o discurso será marcado por “nat ku” (“nat” (ele fez...) / “ku” (o povo conta que...), o que encontramos na 2º linha do texto acima.

Ainda, segundo Mattos num texto narrativo é obrigatória a ocorrência do morfema de aspecto “t” aspecto narrativo e também a ocorrência dos outros dois membros desta classe, “to” aspecto afirmativo e “za” futuro. O aspecto “t” narrativo, aparece obrigatoriamente no corpo da narrativa, marcando a cronologia dos eventos, enquanto que as partículas “to” e “za” aparecem fora do corpo da narrativa, em digressões do narrador, para se dar explicações, fazer avaliações e dar informações colaterais:

“t”/ linha 1 do texto: “dat” – da/ 3º pessoa honorifica, “t” aspecto narrativo

“dat krwasku mnõ” – a idéia que alguém (ancião do povo) contava a historia.

“ ãre, nãtõ sikwazi” / linha 5 do texto: “nã” – 3º pessoa / “tõ” – partícula de aspecto tempo passado/ “sikwazi” – verbo amarrar

“waza wasku”/ linha 1 do texto: “wa” – 1º pessoa do singular, “za” – partícula de aspecto tempo futuro, “wasku” – verbo contar.

2– Ocorrência dos pronomes da primeira e terceira pessoas.

Os fatos são sempre contados, pelo narrador, como acontecimentos consigo mesmo ou com uma terceira pessoa.

Ex: “wat kmã kâri” / vamos pegar

¹³ Rinaldo de Mattos missionário Batista entre os índios xerente.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

“*nãtô sikwazi*” / ele o amarrou

3 – Apresenta o MODO INDICATIVO DE AÇÃO:

“Waza wasku” / eu contarei

“wa” – pronome de 1º pessoa

“za” – partícula que indica ação futura

“wasku” – verbo contar

4 – Apresenta o MODO IMPERATIVO fora do corpo da narrativa, em diálogos:

—*Ãre, ãre, wi amõ wi* ...

—*Nãõ, pegue-o você*

“wi” – partícula usada para indicar ordem

O Modo de Organização do Texto (M.O.T.) Descritivo em Akwe-Xerente

O Modo Descritivo tem como funcionamento identificar, distinguir, qualificar pessoa ou objeto, os ‘seres do mundo’ (a quem Oliveira, Helênio (2004 mimeo) denomina “objeto da descrição”). Na descrição confeccionamos uma espécie de retrato através de palavras. Tempo estático.

Discorrendo sobre o texto descritivo, Oliveira, Helênio (mimeo) destaca importantes fatores que normalmente não são levados em consideração quando se aborda o M.O.D. descritivo:

- A existência de textos iminentemente descritivos: A descrição de um tipo de rocha, da anatomia de uma espécie animal, do sistema pronominal de dada língua etc.

- O ponto de vista e o ângulo do observador afetando na seleção dos atributos do objeto descrito – limitações físicas, intelectuais etc.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

- O caráter infinito dos possíveis “objetos de descrição”, bem como os diversos sentidos empregados na observação do objeto descrito (+ ou – sensorial)

- O ângulo de visão do observador (A) em relação ao objeto observado (B) onde:

1– (A e B) = – movimento . O texto é uma espécie de fotografia com palavras; 2– (A) = + movimento e (B) = – . O efeito de uma câmara em movimento filmando algo imóvel; 3– (A) = – movimento e (B) = +. Cena desenrolando-se diante de um observador estático.

- A ordenação dos objetos descritos, bem como a seleção de pormenores face possibilidade ad infinitum de atributos em dado objeto.

Análise do M.O.T. Descritivo

Huku kâtô kbazêm prâi wadi waskzê

Huku tô rowastemba kri mor ze, are krsai mnô ze tô kbazêi prâi ninâsi, katô *srurêki* nmâhâ kûm tod kâtô sikpo *zawredi*.

Are tâkâsi kôdi po dure mârđ, tô ropsê mba kâtô *sdarâmba tmâ rowêk*. Tôkâ hã spok psê ktamd.

Du na si krsai mnô ze, are tô dure skrê rhâiti, pra wapum pse snâ rowastemba krñem mnôze.

Wrâku dure mard, mara nã *krñem nmôze sazep zô*, hãi skud, sikpo kwa psêđ, kâtô tmâ kwa krêi psêdi kâtô *nmî zêidi*.

A onça e outros animais

A onça vive só nas matas e se alimenta também de outros animais, é grande e algumas são pequenas, tem pata grande e unha grande.

E tem veado também nas área, os veados gostam do campo limpo e se alimentam do capim. O veado é um bicho muito arisco. O veado sente a presença do caçador e foge. O veado anda levemente

Dazakrui nã rowasku ze

Tô nmêm hã *da za kru* tô kushi mnô *pâ nmâ bâ tô nrô su nã*, are nmâ bâ tô *nrô wdê sunã*. Are dure istomze tô kasu na kâtô *tkã kuktê* na istomze are hêm nã bâ kôdi.

Bdâdi nãkti das kre nã tô ssôre psê snât simã sa, nmâhâ kri wa amôpra psê ktamd kmã rom wdê mmê.

Kâtô dure *akwê zawredi*, tanê nmê tô waptokwa zawre damã daskirãi ktô zem zemã môrđ. Btã ssôre ntô bâ za nê akwê nôri tsi krãi kôti.

Are dure kritoi zapto nmrã zep niwi te tô dure kri tsi mãsa.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Takãne nmě tô rom kuiwě zem zemã mãrd are hêmñã bã kôdi. kã-tô dure tóra wra nmrô ze mãrd.

Kã kbu rôize dure mãrd. Kri mnô pâ akwa sima kmã sšĩ mnô da.

A história da aldeia

Aqui na aldeia tem casa coberta de palha, as paredes são de palhas e outras casas são de adobe. Não são todas iguais.

A rua que vai para a aldeia, as casas ficam em fileiras. Tem casa que tem pé de árvore que faz sombra boa, outras casas não têm.

Tem muita gente aqui por isto construímos até uma igreja no meio da aldeia. O pessoal se reúne na igreja todo final de semana e na quarta-feira também.

Ao redor do campo de futebol tem muitas casas.

Agora tem até luz na aldeia. Tem luz, mas não em todas as casas. Tem uma casa no meio da aldeia para guardar o caminhão.

No meio da aldeia tem uma caixa de água . as águas chegam até as casas.

Considerações acerca dos textos acima

Conforme temos destacado ao longo deste trabalho, o mesmo constitui-se em estudo introdutório, o que nos faz calar em relação a aspectos que a posteriori serão contemplados, tais como “o ângulo de observação de quem descreve”, a tipologia dos textos descritivos, a ideologia na opção de descrição de um atributo do objeto em detrimento de outros etc (cf. Oliveira 2004)

Feitas as necessárias ressalvas, cumpre destacar que os textos acima foram obtidos através de nosso informante Domingos Wawëkrurê Xerente¹⁴ por ocasião de nossa pesquisa de campo em julho de 2004. No corpus acima, utilizamos como critério para identificação das palavras adjetivas, o destaque das mesmas com a fonte 14 em itálico.

¹⁴ Domingos Wawëkrurê é estudante do 2º ano do ensino médio

**O Modo Injuntivo de Organização do Texto (M.O.T.)
em Akwe-Xerente/ Análise do M.O.T. Injuntivo**

Kupar p̃ waskuze

Kupa nõkwa t̃ karp̃ pibumã za akã kasanõ, t̃ kasanõ pari za pak̃.
Are t̃ kumõ, tapari za ñin .

Para alguém preparar o biju, primeiro vai arrancar a mandioca e descascar, depois vai ralar.

T̃ ñin pari za wakru, kre ps̃ wi za bbakre. Are ãsum p̃ kburõ.

Depois de ralada, exprima a massa, bote pra secar bem, “peneire” (esfarele), e bote a massa na vasilha.

Tapari za kuzã wa nõkwa piza sã, rom sikãr r̃ wi, piza wakro wi, piza wakro, za isum p̃ kame are t̃t. 3 Tanãkõ wa 4 horas r̃ nã mãtõ tp̃s nikwa t̃ km̃ sida.

Depois bote a panela pra esquentar. Deixe esquentar bem, bote a massa na panela e espere três a quatro minutos. O Biju já está assado e bom pra comer.

No xerente verifica-se a presença da partícula “wi” e outras formas verbais para marcar o imperativo, o que se associa diretamente ao modo injuntivo de organização do texto.

CONCLUSÃO

O estudo em questão visa, nos seus resultados, contribuir na explicitação da seguinte indagação: Os modos de organização textual são universais?

Obviamente, sendo um trabalho de cunho preliminar, não nos aventuramos a afirmações de caráter conclusivo. Trata-se efetivamente de um estudo em nível introdutório.

Não obstante, a análise dos dados preliminares nos permite julgar que todos os modos de organização do texto presentes na abrangente classificação de Oliveira (2004) verificam-se na língua Akwe-Xerente. Ainda que, particularmente neste presente estudo, não tenhamos espaço hábil para apresentar sistematicamente os modos expositivo e enunciativo, damos conta em nosso arquivo sonoro da existência dos mesmos.

Por tratar-se de um estudo exploratório, decidimos por não explorar mais intensamente o quadro teórico adotado nos níveis des-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

critivo, tradutológico e de análise do discurso. Contudo, desconfiamos que tal percurso descortinaria aspectos da cultura conhecidos apenas dos falantes Xerente – Refiro-me ao deslocamento do modo de organização do texto para o modo de organização social quando apenas os “wawe” (anciãos) pronunciam determinada subclassificação no âmbito narrativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFORD, Margaret Ruth (org.) *Alguns métodos e estudos práticos de educação bilíngüe bicultural*. 6ª ed. Brasília: SIL, 1992.

CHARADEAU, Patrick. *Análise do Discurso: controvérsias e perspectivas*. In: Machado, Ida Lúcia. *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte, Carol Borges, 1999. p.25-43.

CAVALCANTE, Marilda C. *Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil*. D.E.L.T.A, vol. 15 nº especial, 1999.

KOCH & MARCUSCHI. *Processos de referenciação na produção do discurso*. D.E.L.T.A. Vol.14. Nº especial, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. São Paulo: Pontes; Campinas: Unicamp, 1997.

OLIVEIRA, Hêlenio Fonseca de. *Os gêneros da redação escolar e o compromisso com a variedade padrão da língua*. Inédito [2004].

———. *Categorias do modo argumentativo de organização do discurso e relatores*. In: GARTNER, Eberhard et al. (eds) *Estudos de lingüística textual do português*. Frankfurt: TFM, 2000, p. 173-90.

———. *Os modos de organização do texto*. Curso ministrado no DO/UERJ. Inédito [2004].

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2003.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução Mattoso Câmara Jr. São Paulo, 1980.